

Síntese do informe:

ONU Mulheres - Assassinatos de mulheres e meninas relacionados ao gênero: melhorando os dados para melhorar as respostas ao feminicídio

OMS - O que funciona para prevenir a violência online contra crianças?

UNICEF - O Impacto do Racismo e Discriminação Contra Crianças

UNICEF - Prevenção e tratamento do HIV para crianças, mulheres grávidas e adolescentes: poucos avanços nos últimos anos

UNICEF - Alerta para a Cólera: propagação preocupante da doença mortal

The Lancet - Importância da Atividade Física em Crianças e Adolescentes

Violências, Racismo e Acesso à Cuidados de Saúde: desafios recorrentes para mulheres e crianças

Maria Teresa Rossetti Massari
Maria Auxiliadora de Souza Mendes Gomes
Karinne Marieta Carvalho

ONU Mulheres - Assassinatos de mulheres e meninas relacionados ao gênero: melhorando os dados para melhorar as respostas ao feminicídio

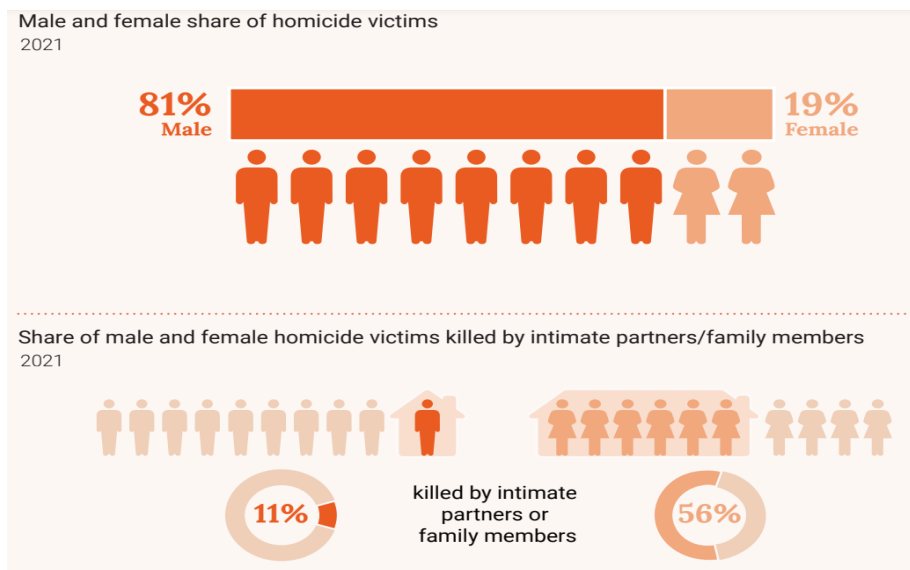
A violência contra mulheres e meninas é a violação de direitos humanos mais difundida, enraizada na desigualdade e discriminação de gênero, relações desiguais de poder e normas sociais nocivas. O assassinato de mulheres e meninas relacionado ao gênero é a manifestação mais brutal e extrema desse tipo de violência.

Com o objetivo de estimular a ação global contra esse crime tão difundido, a OMS e a ONU Mulheres uniram forças para produzir uma pesquisa com as estimativas globais de assassinatos de mulheres e meninas relacionados ao gênero na esfera privada em 2021. Alguns dados apresentados na pesquisa:

- Globalmente, estima-se que 81.100 mulheres e meninas foram mortas intencionalmente em 2021. O número total de homicídios femininos permaneceu praticamente inalterado na última década.
- A maioria dos assassinatos de mulheres e meninas é motivada pelo gênero. Em 2021, cerca de 45.000 mulheres e meninas em todo o mundo foram mortas por seus parceiros íntimos ou outros membros da família. Isso significa que, em média, mais de cinco mulheres ou meninas são mortas a cada hora por alguém de sua própria família.



- Enquanto a esmagadora maioria dos homicídios em todo o mundo são cometidos contra homens e meninos (81%), mulheres e meninas são desproporcionalmente afetadas pela violência homicida na esfera privada. Aproximadamente 56% de todos os homicídios femininos são cometidos por parceiros íntimos ou outros membros da família, enquanto apenas 11% de todos os homicídios masculinos são perpetrados na esfera privada.



- Estimar o número global de assassinatos de mulheres e meninas relacionados ao gênero é um desafio e os dados lacunas persistem: dos 81.100 homicídios femininos estimados em 2021, cerca de 4 em cada 10 não têm informações para permitir que sejam identificados e contabilizados como assassinatos relacionados ao gênero (feminicídio).
- Dados sobre assassinatos relacionados a gênero cometidos na esfera pública são particularmente escassos, dificultando a formulação de políticas de prevenção para esses tipos de assassinatos.

- Entre 2010 e 2021, a Europa assistiu a uma redução média do número feminicídios relacionados ao parceiro/família em 19%, embora com diferenças entre as sub-regiões e com sinais de inversões de tendência desde 2020 em algumas sub-regiões, como a Europa Ocidental e Meridional. Por contraste, as Américas registraram um aumento médio no mesmo período de 6%, com a América do Sul movendo-se notavelmente na direção oposta. A disponibilidade limitada de dados significa que a estimativa de tendências ao longo do tempo não é possível na África, Ásia e Oceania.
- Na América do Norte e, em menor grau, na Europa Ocidental e Meridional, o ano de 2020 foi particularmente mortal em termos de assassinatos de mulheres e meninas relacionados ao gênero na esfera privada. Isso pode apontar para um impacto pernicioso das medidas de confinamento da Covid-19, embora outros fatores contribuintes não possam ser descartados. Outras sub-regiões na Europa e nas Américas registrou mudanças insignificantes ou reduções no número de assassinatos entre 2019 e o final de 2020, o que sugere que o início da pandemia de Covid-19 teve impactos heterogêneos, podendo inclusive significar atrasos no registro devido à Covid-19, em vez de reduções no número de assassinatos.
- Dados desagregados de tendências de 25 países da Europa e das Américas indicam que os aumentos nos homicídios femininos na esfera privada no início da pandemia de Covid-19 foram impulsionados principalmente pelo aumento de assassinatos perpetrados por membros da família que não eram parceiros íntimos. Esses aumentos foram maiores do que qualquer variação observada desde 2015.

As evidências disponíveis mostram que houve muito pouco progresso na prevenção de assassinatos de mulheres e meninas relacionados ao gênero. É necessária uma ação concertada e urgente para melhorar a base de conhecimento e fortalecer as respostas a estes assassinatos e outras formas de violência de gênero contra mulheres e meninas.

O documento também apresenta recomendações de políticas para apoiar abordagens abrangentes e multissetoriais para prevenir e abordar assassinatos relacionados a gênero e outras formas de violência de gênero contra mulheres e meninas. Assassinatos relacionados a gênero e outras formas de violência contra mulheres e meninas são evitáveis por meio de intervenção precoce e parcerias multissetoriais.

Para ler a notícia completa, [clique aqui](#). E para acessar o relatório completo, [clique aqui](#).

OMS - O que funciona para prevenir a violência online contra crianças?

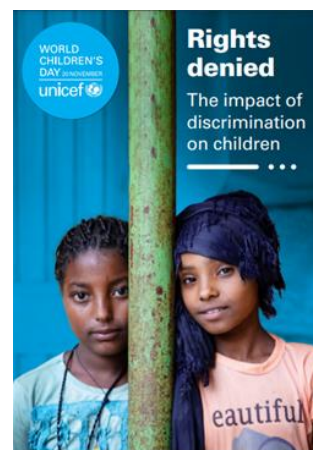
A Organização Mundial da Saúde publicou um relatório intitulado: O que funciona para prevenir a violência online contra crianças, apresentando maneiras de abordar a crescente preocupação mundial de manter as crianças online seguras, com foco específico em duas formas de violência online: abuso sexual infantil, incluindo aliciamento e abuso de imagens sexuais; e agressão cibernética e assédio na forma de cyberbullying, cyberstalking, hacking e roubo de identidade. O relatório recomenda a implementação de programas educacionais escolares que tenham várias sessões, promovam a interação entre os jovens e o envolvimento dos pais. Ele destaca a necessidade de melhorias em várias áreas, incluindo:

- necessidade de mais programas de prevenção da violência que integrem conteúdo sobre os perigos online com a prevenção da violência offline, dada a sobreposição desses problemas e suas abordagens comuns de prevenção;
- menos ênfase no perigo de estranhos, pois os estranhos não são os únicos ou mesmo os predominantes infratores na violência online contra crianças;
- mais ênfase em conhecidos e colegas perpetradores, que são responsáveis pela maioria dos delitos; e
- mais atenção às habilidades de relacionamento saudável, uma vez que o romance e a busca de intimidade são as principais fontes de vulnerabilidade à violência online.

Para acessar o sumário executivo, [clique aqui](#). E para acessar o relatório completo, [clique aqui](#).

UNICEF - O Impacto do Racismo e Discriminação Contra Crianças

O racismo e a discriminação contra crianças com base em sua etnia, idioma e religião são comuns em países de todo o mundo. Um novo relatório da UNICEF (Direitos Negados: o impacto da discriminação nas crianças) mostra até que ponto o racismo e a discriminação afetam a educação, a saúde, o acesso das crianças a um registro de nascimento e a um sistema de justiça justo e igualitário, e destaca disparidades generalizadas entre minorias e grupos étnicos.



A exclusão e a discriminação durante a infância causam danos que podem durar toda a vida. Proteger os direitos de todas as crianças – sejam elas quais forem e venham de onde vierem – é o caminho mais seguro para construir um mundo mais pacífico, próspero e justo para todos.

Entre as novas descobertas, o relatório mostra que crianças de 22 países de baixa e média renda e grupos étnicos, linguísticos e religiosos marginalizados ficam muito atrás de seus pares em habilidades de leitura. Em média, os alunos de 7 a 14 anos do grupo mais favorecido têm duas vezes mais chances de ter habilidades básicas de leitura do que os do grupo menos favorecido.

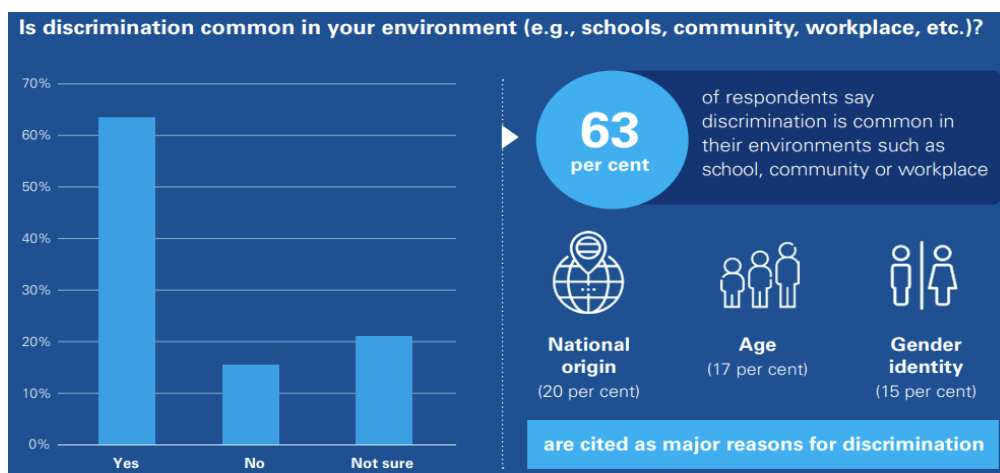
Uma análise dos dados sobre o nível de crianças registradas ao nascimento – um pré-requisito para o acesso aos direitos básicos – encontrou disparidades significativas

entre crianças de diferentes grupos religiosos e étnicos. A discriminação e a exclusão aprofundam a privação e a pobreza intergeracional e resultam em péssimos resultados de saúde, nutrição e aprendizado para as crianças, aumentando ainda a probabilidade de encarceramento, taxas mais altas de gravidez entre meninas adolescentes e taxas de emprego e rendimentos mais baixos na idade adulta.

Embora a COVID-19 exponha profundas injustiças e discriminações em todo o mundo e os impactos das mudanças climáticas e dos conflitos continuem a revelar desigualdades em muitos países, o relatório destaca como a discriminação e a exclusão persistem há muito tempo para milhões de crianças de grupos étnicos e minoritários, incluindo acesso a imunização, serviços de água e saneamento.

Nas políticas disciplinares dos Estados Unidos, crianças negras têm quase 4 vezes mais chances de receber suspensões na escola do que crianças brancas, e mais de 2 vezes mais chances de enfrentar prisões relacionadas à escola, observa o relatório.

O relatório também destaca como crianças e jovens estão sentindo o fardo da discriminação em suas vidas cotidianas. Uma nova pesquisa do U-Report, que gerou mais de 407.000 respostas, descobriu que quase dois terços sentem que a discriminação é comum em seus ambientes, enquanto quase metade sente que a discriminação afetou suas vidas ou a de alguém que conhecem de maneira significativa.



Toda criança tem o direito de ser incluída, protegida e ter a mesma chance de atingir todo o seu potencial. Todos têm o poder de lutar contra a discriminação contra as crianças – nos países, nas comunidades, nas escolas e nos lares. Todas as crianças em todos os lugares têm direito a uma infância plena com dignidade, respeito e valor. O direito a uma infância livre de discriminação e exclusão é crucial para o bem-estar da criança e para o acesso aos serviços necessários para sobreviver e prosperar.

Para acessar o relatório completo, [clique aqui](#).

UNICEF - Prevenção e tratamento do HIV para crianças, mulheres grávidas e adolescentes - Poucos avanços nos últimos anos

Uma estagnação sem precedentes se soma a uma lacuna existente e crescente no tratamento entre crianças e adultos. Cerca de 110.000 crianças e adolescentes (0-19 anos) morreram de causas relacionadas à AIDS em 2021, de acordo com o mais recente relatório global da UNICEF sobre crianças e HIV/AIDS. Enquanto isso, outras 310.000 foram infectadas recentemente, elevando o número total de jovens vivendo com HIV para 2,7 milhões.

Antes do Dia Mundial da AIDS, a UNICEF alerta que o progresso na prevenção e tratamento do HIV para crianças, adolescentes e mulheres grávidas quase estagnou nos últimos três anos, com muitas regiões ainda sem cobertura de serviço pré-COVID-19. Isso se soma a uma lacuna existente e crescente no tratamento entre crianças e adultos. Embora as crianças tenham ficado muito atrás dos adultos na resposta à AIDS, a estagnação observada nos últimos três anos é sem precedentes, colocando muitas vidas jovens em risco de doença e morte. A cada dia que passa sem progresso, mais de 300 crianças e adolescentes perdem a luta contra a AIDS.

Apesar de representarem apenas 7% do total de pessoas vivendo com HIV, crianças e adolescentes representaram 17% de todas as mortes relacionadas à AIDS e 21% de novas infecções por HIV em 2021. A menos que as causas das desigualdades sejam abordadas, a eliminação da AIDS em crianças e adolescentes continuará sendo um sonho distante.

Enquanto o número total de crianças vivendo com HIV está diminuindo, a lacuna de tratamento entre crianças e adultos continua a crescer. Nos países prioritários para HIV da UNICEF, a cobertura de TARV para crianças ficou em 56% em 2020, mas caiu para 54% em 2021. Esse declínio se deve a vários fatores, incluindo a pandemia de COVID-19 e outras crises globais, que aumentaram a marginalização e pobreza, mas também é um reflexo da diminuição da vontade política e de uma resposta debilitada à AIDS em crianças. Globalmente, uma porcentagem ainda menor de crianças vivendo com HIV teve acesso ao tratamento (52%), que aumentou apenas marginalmente nos últimos anos.

Enquanto isso, a cobertura entre todos os adultos vivendo com HIV (76%) foi mais de 20 pontos percentuais maior do que entre as crianças. A diferença era ainda maior entre crianças e gestantes vivendo com HIV (81%). De forma alarmante, a porcentagem de crianças entre 0 e 4 anos vivendo com HIV e não recebendo TARV aumentou nos últimos 7 anos, subindo para 72% em 2021, tão alto quanto em 2012.

Muitas regiões – Ásia e Pacífico, Caribe, África Oriental e Austral, América Latina, Oriente Médio e Norte da África e África Ocidental e Central – também experimentaram quedas na cobertura de tratamento para mulheres grávidas e lactantes durante 2020, com a Ásia e o Pacífico, Oriente Médio e Norte da África registrando novos declínios em 2021. Exceto pela África Ocidental e Central, que continua registrando a maior carga de transmissão de mãe para filho, nenhuma das regiões mencionadas recuperou os níveis de cobertura alcançados em 2019. Essas interrupções colocam a vida dos recém-nascidos em maior risco. Em 2021, mais de 75.000 novas infecções infantis ocorreram porque as mulheres grávidas não foram diagnosticadas e iniciaram o tratamento.

A renovação do compromisso político para atingir os mais vulneráveis, construção de parcerias estratégicas e disponibilização de recursos para ampliar os programas são pontos fundamentais para acabar com a AIDS em crianças, adolescentes e mulheres grávidas.

Para acessar o conteúdo completo [clique aqui](#).

UNICEF - Alerta para a Cólera: propagação preocupante da doença mortal

Casos de cólera, também conhecidos como diarreia aquosa aguda (AWD), estão aumentando em todo o mundo. Desde 2021, muitos países que não relatavam surtos há anos, o detectaram em suas comunidades.

A cólera é uma doença transmitida pela água, pela ingestão de alimentos ou água potável contaminada com a bactéria. As crianças desnutridas correm maior risco, pois podem causar desidratação grave e, se não forem tratadas, podem levar a maiores complicações de saúde, incluindo a morte.

A rápida disseminação da cólera observada hoje é agravada pelos fracos sistemas de água e saneamento, mudanças climáticas, conflitos e pobreza, que tornam o acesso à água potável mais desafiador. Em regiões como a África Oriental, Oriente Médio e Sul da Ásia, isso é particularmente preocupante, pois alguns países não sofrem surtos em grande escala há mais de uma década, destacando a deterioração da situação para crianças e famílias.

A detecção precoce e uma resposta rápida para conter os surtos são vitais. Isso deve ser feito envolvendo as comunidades em práticas de água potável e saneamento, fortalecendo os sistemas de saúde e implementando a vacina oral contra a cólera (OCV), que é um elemento crucial para prevenir a recorrência nos 'pontos críticos' onde a doença é observada.

Embora a vacinação contra a cólera seja uma das principais ferramentas disponíveis para responder aos surtos, os desafios atuais na disponibilização de vacinas e o efeito de desastres naturais, conflitos e sistemas de saneamento inadequados significam que o impacto nos países está crescendo. Em meio a esse cenário em rápida evolução, é importante intensificar esforços para alcançar as crianças e suas famílias com os suprimentos que salvam vidas e o apoio comunitário de que precisam com urgência.

Para acessar a notícia completa, [clique aqui](#).

The Lancet - Importância da Atividade Física em Crianças e Adolescentes

A atividade física é parte integrante de uma infância e adolescência saudáveis. Para crianças de 5 a 17 anos, a OMS recomenda 60 minutos por dia de atividade física de intensidade moderada a vigorosa, que pode envolver caminhada, ciclismo, esportes recreativos e brincadeiras ativas. O [Relatório sobre o Status Global de Atividade Física da OMS](#), publicado em

18 de outubro de 2022, constatou que 81% dos adolescentes de 11 a 17 anos não atingem os níveis recomendados de atividade física necessários para manter uma boa saúde e bem-estar.

Este relatório é a primeira avaliação global da implementação das recomendações do Plano de Ação Global sobre Atividade Física (GAPPA) de 2018. O progresso em direção a uma redução relativa de 15% na inatividade física até 2030 tem sido lento e desigual: menos de um terço dos países têm diretrizes nacionais de atividade física para todas as faixas etárias e pouco mais de 40% têm padrões de projeto de estradas para caminhadas e ciclismo mais seguros. O escasso progresso foi prejudicado ainda mais pela pandemia da COVID-19, com o fechamento de escolas e espaços comunitários reduzindo as oportunidades para a atividade de jovens, principalmente aqueles de bairros desfavorecidos e de origens socioeconômicas pobres.

Muitos países estão perdendo oportunidades de engajar certos grupos de crianças e adolescentes em atividades físicas. De acordo com o relatório, em 2021, as políticas nacionais para promover a atividade física em creches foram implementadas em apenas 59 países (30%). Mais meninas eram inativas do que meninos (85% contra 78% no geral) em todos os grupos de renda em quase todos os países e regiões, e a ligeira melhora em 2010–16 nos níveis de atividade física foi observada apenas nos meninos. Jovens com deficiências e condições crônicas provavelmente enfrentarão barreiras adicionais, mas não há dados disponíveis para avaliar a promoção da atividade física nessa subpopulação.

A escassez de dados está dificultando seriamente o progresso. O relatório constatou que, em 2021, apenas 57 países (29%), principalmente da Europa, relataram vigilância da atividade física em crianças menores de 5 anos. Embora 146 países (75%) o tenham feito para a faixa etária de 5 a 19 anos, a maioria coletou dados apenas de adolescentes de 11 a 17 anos que frequentam a escola, limitando severamente a representação de crianças mais novas e aquelas que não frequentam a educação formal. Portanto, um passo importante para alcançar os objetivos do GAPPA é fortalecer os sistemas de dados globais e nacionais, garantindo que os níveis de atividade física sejam medidos ao longo da vida e em subpopulações-chave, como crianças menores de 5 anos e de 6 a 9 anos, jovens fora das escolas e pessoas com deficiência. Indicadores adicionais também são necessários, especialmente para alcance e aplicação de políticas.

O custo da inação é enorme: estima-se que a inatividade física resulte em quase 500 milhões de novos casos de doenças não transmissíveis evitáveis entre 2020 e 2030 em todo o mundo, custando aos sistemas de saúde US\$27 bilhões por ano. Portanto, vários departamentos governamentais – incluindo saúde, educação, esporte, transporte e planejamento urbano – devem priorizar a promoção da atividade física ao longo da vida, de acordo com as [Orientações da OMS](#) para atividade física para diferentes faixas etárias e subpopulações.

Os serviços para a primeira infância e as creches são ambientes fundamentais para promover hábitos saudáveis desde a mais tenra idade. Os ambientes educacionais devem ser um ambiente de apoio, oferecendo esportes de qualidade e programas de educação física para ajudar os jovens a desenvolver autoconfiança e alfabetização física, enquanto se divertem com seus colegas. O investimento em programas comunitários, espaços públicos abertos, estradas e ambientes urbanos mais seguros e eventos de participação em massa também ajudaram a

incentivar a participação. É importante ressaltar que esses esforços devem ser inclusivos e equitativos para aumentar o envolvimento dos grupos menos ativos e mais marginalizados. As barreiras decorrentes do estigma, fatores socioeconômicos e culturais devem ser desmantelados para criar um ambiente propício para todas as crianças e jovens.

Em ambientes clínicos, pediatras, prestadores de cuidados primários e outros profissionais de saúde têm papéis importantes na capacitação de jovens e suas famílias para a prática de atividade física, especialmente para aqueles com [deficiências](#) e condições crônicas. A [Academia Americana de Pediatria](#) recomenda avaliação regular da atividade física e alfabetização, incorporação da atividade física aos planos de tratamento e fornecimento de orientação específica.

À medida que os países se recuperam da pandemia de COVID-19, com sistemas de saúde sobrecarregados e um orçamento fiscal apertado, a promoção da atividade física é uma maneira prática e econômica de melhorar a saúde da população a longo prazo e deve ser priorizada.

Para acessar a notícia completa, [clique aqui](#).